

Manifestações no Brasil: tribos urbanas e sociedade de massa

 Janaina Goulart¹

Resumo

Neste artigo busca-se experimentar as ideias do sociólogo Michel Maffesoli sobre sociedade tribal e sociedade de massa, a partir da observação da manifestação popular ocorrida no dia 20 de junho de 2013 na Esplanada dos Ministérios em Brasília. Parte-se de reflexões de Manuel Castells acerca de uma nova forma de mobilização social, focada, sobretudo, na atuação em rede dos movimentos, na maior fluidez e no compartilhamento dos sentimentos coletivos que a comunicação digital contemporânea permite.

Palavras-chave: mobilização social; tribos; rede; sociedade de massa.

Resumen

Este artículo busca experimentar las ideas del sociólogo Michel Maffesoli sobre sociedad tribal y sociedad de masas, con la observación de la protesta en el día 20 de junio de 2013 en Brasília, capital de Brasil. Se servirá de las reflexiones de Manuel Castells acerca de una nueva manera de movilización social, enfocada sobretudo en la actuación en red de los movimientos, y a una mayor fluidez y compartimento de los sentimientos colectivos que la comunicación digital contemporánea permite a la sociedad.

Palabras clave: movilización social; tribos; red; sociedad de masas.

Abstract

This article seeks to experience the ideas of sociologist Michel Maffesoli on tribal society and mass society, from the observation of the popular event occurred on June 20th, 2013 in Brasília, Brazil. Reflections of Manuel Castells will be used about a new form of social mobilization, focused mainly on the networked performance of movements, and the greater fluidity and sharing of the collective feelings that contemporary digital communication allows.

Keywords: social mobilization; tribes; network; mass society.

¹ Jornalista, Mestre em Comunicação pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Graduada pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), especialista em Gestão Estratégica da Comunicação pela Pós Graduação JK e em Marketing e Comunicação Digital pelo IESB. Professora na Faculdade de Comunicação da Universidade Católica de Brasília.

Introdução

O sociólogo Michel Maffesoli (1998) propõe uma leitura diferenciada sobre os movimentos sociológicos contemporâneos dentro do consenso de que nossa sociedade é individualista. Contextualizando a existência na pós-modernidade, o autor defende que o que se observa é o constante fortalecimento, sobretudo nas cidades, dos grupos os quais ele denomina tribos urbanas, formadas a partir de elementos emocionais. Somando-se ao contexto citado, Castells (2012) demonstra que o elemento emocional também é o catalisador das mobilizações sociais recentes pelo mundo, que, aliadas a ferramentas de comunicação digital, fazem com que o território físico se potencialize e se fortaleça através do território simbólico.

A “Revolução do Vinagre”, que surpreendeu o Brasil e o mundo com a participação de mais de dois milhões de brasileiros nas ruas em seu ápice no mês de junho de 2013, parece vir de encontro a algumas ideias de Castells (2012). Durante essa revolução, grupos mobilizados por temas distintos relacionados à qualidade de vida (transporte, educação, saúde, etc.) se reuniram nos centros urbanos para demonstrar um sentimento coletivo maior: “estamos insatisfeitos”. Algumas consequências das manifestações foram o surgimento de quadros violentos, a constituição dos *black blocs*, greves e insatisfação do funcionalismo público, que teve o apoio dos *black blocs*. Essas consequências parecem mover-se rumo à efemeridade apontada por Maffesoli, mas simultaneamente deixam marcas.

As Tribos

Para Maffesoli (1998), a modernidade é racional enquanto a pós-modernidade é emocional. O autor compreende nossa realidade contemporânea na era pós-moderna e, portanto, regida pela necessidade de se viver intensamente, sob parâmetros dionisíacos. Nesse sentido, o sentimento de pertencimento, ou proxemia, se configura em um dos principais elementos de agrupamento e dispersão. Preocupado em compreender a profundidade da socialidade, a teia que mantém a coesão social, o autor aponta:

A massa, ou o povo, diferentemente de proletariado ou de outras classes, não se apoiam numa lógica de identidade. Sem um fim preciso, elas não são os sujeitos de uma história em marcha. A metáfora da tribo, por sua vez, permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação da função que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa (persona) é chamada a representar dentro dela. Claro está que, como as massas em permanente agitação, as tribos, que nelas se cristalizam, tampouco são estáveis. As pessoas que compõem essas tribos podem evoluir de uma para a outra. (Maffesoli, 1998: 8)

Em relação às cidades, metrópoles e megalópoles, o autor traz o concei-

to de tribo urbana, uma evolução consequente do advento das metrópoles. “O desenvolvimento vertiginoso das grandes metrópoles (megalópoles seria correto dizer) que nos anunciam os demógrafos, não pode senão favorecer esta criação de “aldeias na cidade” [...]. (Maffesoli, 1998: 61) Para o autor, as grandes cidades transformaram-se em campos onde os bairros, os guetos, as paróquias, os territórios e as diversas tribos substituíram as aldeias, lugares, comunas e cantões de antigamente.

Nesse contexto, com os aspectos emocionais se sobressaindo, muitas vezes, à “lógica” racional, o autor tratará da comunidade emocional, em que “[...] pode-se dizer que assistimos tendencialmente à substituição de um social racionalizado por uma socialidade com dominante empática.” (Maffesoli, 1998:17) O autor retoma o conceito de comunidade emocional de Max Weber. “As grandes características atribuídas a essas comunidades emocionais são: o aspecto efêmero, a ‘composição cambiante’, a ‘inscrição local’, ‘a ausência de uma organização’ e a ‘estrutura cotidiana’”. E, é justamente sobre o fato de que a comunidade é emocional, que o autor mantém o argumento de que não vivemos em uma sociedade individualista.

[...] podemos dizer que aquilo que caracteriza a estética do sentimento não é de modo algum uma experiência individualista ou “interior”, antes pelo contrário, é uma outra coisa que, na sua essência, é abertura para os outros, para o Outro. Essa abertura conota o espaço, o local, a proxemia onde se representa o destino comum. É o que permite estabelecer um laço estreito entre a matriz ou aura estética e a experiência ética. (Maffesoli, 1998: 21)

Maffesoli (1998) aponta que o ideal comunitário de bairro ou aldeia age mais por contaminação do imaginário coletivo do que por persuasão de uma razão social. E, ao mesmo tempo, o vitalismo, ou o querer-viver, seria a potência e o fio condutor que não se rompe. Estes dois elementos seriam fatores fundamentais para o que o autor chama de perdurância societal. “Esta capacidade, de certo não é consciente. Existe incorporada. De forma algo mineral, ela sobrevive às peripécias políticas. Eu arriscaria dizer que existe no povo um ‘saber de fonte segura’, uma direção certa [...] que faz dele uma entidade natural.” (Maffesoli, 1998: 50)

Relacionado à perdurância societal, o autor destaca justamente a multiplicação dos pequenos grupos de redes existenciais. “Espécie de tribalismo que se baseia, ao mesmo tempo, no espírito de religião (religare) e no localismo (proxemia, natureza). Apesar dos egoísmos e dos interesses particulares, existe um cimento que assegura a perdurância.” (Maffesoli, 1998: 60) E, complementa:

É neste sentido que uma certa indiferenciação consecutiva à mundialização e à uniformização dos modos de vida e, às vezes, de pensamentos abstratos, pode caminhar lado a lado com a ênfase de valores particulares intensamente recuperados por alguns. Dessa maneira podemos assistir a uma mass-mediação crescente, a um figurino padronizado, a um “fast food” invasor, e, ao mes-

mo tempo, ao desenvolvimento de uma comunicação local (rádios livres, TV por cabo) ao sucesso das roupas idiossincrásicas, de produtos ou pratos locais, quando se trata, em determinados momentos, de reapropriar-se de sua existência. Ressalta daí que o avanço tecnológico não chega a erradicar a potência da ligação (da re-ligação), e, às vezes, serve-lhe até de coadjuvante. (Maffesoli, 1998: 61)

O divino a que se refere o autor permite recriar, nas “inumanas e frias metrópoles”, o cenário onde se mantêm aquecidos os espaços da socialidade. As manifestações no Brasil foram resultado de uma sequência de insatisfações do povo em relação aos seus representantes em todas as esferas de poder, ao longo dos últimos anos.

As insatisfações surgiram em relação à vida urbana e aos principais serviços oferecidos pelo Estado como ao transporte, à saúde, à educação e à segurança, que fazem parte de um acordo entre representantes e representados, ainda que de forma “teatral”, de acordo com Maffesoli (1998). O impacto do não atendimento às demandas citadas impacta a todos que igualmente utilizam os serviços. Estes problemas é que podem ter originado as manifestações no país, além do descontentamento generalizado com casos de corrupção. Destacando a auto-referência popular,

[...] em certos períodos, quando a massa não mais apresenta interação com os governantes, ou ainda, quando a potência se dissocia completamente do poder, assistimos à morte do universo político e à entrada na ordem da socialidade. Penso, além disso, tratar-se de um movimento pendular que procede por saturação. Por um lado, é a participação, direta ou por delegação, que predomina. Por outro, é a acentuação de valores mais quotidianos. (Maffesoli, 1998: 68)

Partindo-se desse contexto, o autor aponta que a resistência a não domesticação das massas repousa no pluralismo, que poderia consistir em diversas redes, grupos de afinidades e de interesse. No caso do Brasil, os interesses nas manifestações eram diversos, mas parece ter existido uma conexão plural, que era o fato de que todos estavam insatisfeitos. É o que Maffesoli (1998) aponta como “potência contra o poder”, ainda que essa potência só possa avançar de forma mascarada para não ser esmagada pelo poder.

O “embate” traz em si o dinamismo, que de acordo com Maffesoli (1998), é a reativação do instinto vital de preservação e conservação do ser, e por isso, remete à “potência popular”. Logo, é “a partir do ‘local’, do território, da proxemia, que se determina a vida de nossas sociedades. E todas essas coisas se referem, também, a um saber local, e não mais a uma verdade projetiva e universal.” (Maffesoli, 1998: 81)

Por fim, quando as instituições se desconectam das bases, se tornam inconsistentes e vazias de sentido. A consequência disso pode ser observada no Brasil, em que boa parte dos cartazes durante as manifestações traziam os dizeres “não me representa”, referindo-se a uma desconexão da sociedade com os representantes políticos eleitos. Referente a isso, Maffesoli (1998)

tende a postular que a saturação da forma política caminha lado a lado com a saturação do individualismo. Portanto, a

[...] memória coletiva é, com certeza, uma boa expressão para descrever o sistema simbólico e o mecanismo de participação do qual acabamos de falar. O termo [...] enfatiza, com justeza e rigor, que tal como não existe duração individual, não existe tampouco um pensamento singular. Nossa consciência é apenas ponto de encontro, cristalização de correntes diversas que, com diferentes ponderações específicas, se entrecruzam, se atraem e se repelem. As construções ideológicas, até mesmo as mais dogmáticas, são exemplos acabados disto, e não chegam nunca a uma total unificação. Dessa maneira podemos dizer que um pensamento pessoal é aquele que segue ‘a inclinação de um pensamento coletivo’. (Maffesoli, 1998: 96)

É com base na ideia de que neste contexto que o autor traz o conceito de tribalismo, ou neotribalismo, que é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão, como parece ter ocorrido nas manifestações. O autor sustenta que, por meio de sucessivas sedimentações, constitui-se uma ambiência em que ocorrem condensações instantâneas, muito frágeis, mas que são objeto de forte envolvimento emocional. Pois, dentro da socialidade,

a pessoa (persona) representa papeis, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos de que participa. Mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do theatrum mundi. (Maffesoli, 1998: 108)

Logo, a socialidade representa a saturação dos grandes sistemas e das demais macro-estruturas, mas, no momento de sua fundação, a socialidade é particularmente intimista. Dessa forma, “[...] o social repousa na associação racional de indivíduos que tem uma identidade precisa e uma existência autônoma; a socialidade, por sua vez, se fundamenta na ambiguidade básica da estruturação simbólica” (Maffesoli, 1998: 135). Partindo desse pressuposto, o autor traz a concepção de “dialética massa-tribo”, considerando que este movimento é sem fim e um tanto indefinido, sem centro nem periferia, “[...] ambos compostos de elementos que, conforme as situações e as experiências em curso, se ajustam a imagens cambiantes de acordo com alguns arquétipos preestabelecidos.” (Maffesoli, 1998: 178) Nesse caso, o território físico ou simbólico é a cristalização da existência social.

O que podemos depreender até aqui em relação às manifestações no Brasil é que, a partir do momento em quem a demanda de um grupo foi exposta (as manifestações começaram supostamente com a indignação pelo aumento de vinte centavos no valor da passagem de ônibus em São Paulo), outras começaram a surgir, sob um “guarda-chuva” de insatisfação. É como se várias tribos unidas pelo mesmo interesse e por comungarem dos mesmos problemas se unissem em movimentos massivos. A união de grupos atingiu uma proporção que foi possível evidenciar pelos noticiários. Além disso, os movimentos contaram com forte apoio das mídias digitais para fins de organização.

Os movimentos sociais e a Web 2.0

Na crescente projeção da vida contemporânea no universo digital, os movimentos sociais não são uma exceção, pois passam a ocupar os dois espaços – o urbano/físico e o digital. O hibridismo entre relações face-a-face e relações digitais fazem parte da existência de um número crescente de pessoas. Os movimentos sociais em todas as suas expressões e dimensões também estão se transformando a partir do hibridismo, adquirindo novas características que lhes garantem amplitude e dinamismo, assim como uma atuação segundo novas perspectivas de espaço e de tempo.

Poderíamos inferir que, com o advento das tecnologias e de uma sociedade midiaticizada, o tribalismo poderia, também, ser hibridizado, ou seja, existir e ser fortalecido no território físico e no território simbólico, apontados por Maffesoli (1998). Castells (2012), em um estudo sobre as recentes mobilizações nos países orientais, como Espanha e Estados Unidos, aponta que a tônica dos movimentos sociais é dominada pela emoção coletiva. Para o autor, no nível individual, movimentos sociais são movimentos emocionais. Os indivíduos ficam entusiasmados quando mobilizados por um objetivo que apreciam. “É por isso que o entusiasmo está diretamente relacionado a outra emoção positiva: a esperança. [...] Uma vez que o indivíduo supera o medo, emoções positivas passam a operar” (Ibid, p. 14 NT)

Mas é acima de tudo a humilhação provocada pelo cinismo e arrogância daqueles que detém o poder, seja financeiro, político ou cultural, que fazem com que se unam aqueles que transformam medo em indignação, e indignação em esperança por uma humanidade melhor. (Castells, 2012: 3 NT)

Castells reforça que os seres humanos criam sentido por meio da interação com seus ambientes sociais, a partir de suas redes neurais em conexão com suas redes naturais, e destas em conexão com suas redes sociais. Essa rede é operada pelo ato da comunicação, e a comunicação “[...] é o processo de compartilhamento de significado por meio da troca de informações. Para a sociedade em geral, a principal fonte de produção de sentido é o processo da comunicação socializada” (Castells, 2012: 5 NT)

Na “Revolução do Vinagre”², o indivíduo vivencia uma elevada carga emocional coletivamente e, dotado de ferramentas tecnológicas, pode ampliar no espaço/tempo a visibilidade e o alcance de seus desejos, pensamentos e projeções. Maffesoli (1998) aponta que as ferramentas tecnológicas são fatores de elevado impacto em relação ao tempo, o que de fato foi revelado pelas manifestações, na medida em que as ferramentas serviam de suporte para mobilizar grandes quantidades de pessoas em um período extremamente curto.

Castells (2012) nomeia o conjunto dessas ferramentas de “auto-comunicação de massa”, que fornece a plataforma para a construção da autonomia do ator social, seja ele individual ou coletivo *versus* instituições da sociedade. O imaginário do movimento social estaria dotado de um contra-discurso.

²Termo cunhado pelos manifestantes a partir do momento em que recorreram ao uso de panos molhados com vinagre junto ao rosto para se protegerem dos efeitos do gás lacrimogênio por vezes utilizados pelas forças policiais.

Entretanto, para que o movimento social aconteça, a ativação emocional dos indivíduos deve se conectar. Castells (2012) aponta que isso requer um processo de comunicação a partir de uma experiência individual. Para o processo de comunicação operar, há dois requisitos: consonância cognitiva entre emissores e receptores da mensagem e um canal de comunicação eficaz.

Maffesoli (1998) completa que o sentimento de pertencimento pode ser reafirmado pelo desenvolvimento tecnológico. Os grupos não deixariam de lembrar de suas estruturas arcaicas de tribos. “A única diferença notável, característica da galáxia eletrônica, é a temporalidade própria dessas tribos. Na verdade, ao contrário do que, geralmente, essa noção sugere, o tribalismo de que tratamos pode ser perfeitamente efêmero [...]” (Maffesoli, 1998: 194

Brasília, 20 de junho de 2013

O dia 20 de junho de 2013 foi marcado pela maior manifestação ocorrida na capital do Brasil, Brasília, dentre todas as outras do período. Fomos analisar esse breve intervalo de tempo, visto que toda a manifestação não durou mais que oito horas, à luz das várias proposições de Maffesoli (1998), em seu trabalho de anos de preparação. Na preparação para o protesto, a sociedade civil hospedou na mídia digital Facebook uma página do evento, com proposta temática (ainda que diversa, num movimento um tanto caótico), horário e espaço para comentários. Na página, ou território simbólico, houve a confirmação de 120 mil pessoas.

Na prática, ou em território físico, pela contagem da Polícia Militar do Distrito Federal, 40 mil pessoas no máximo estiveram presentes. Maffesoli (1998) já apontava que um território não exclui o outro. Percebemos aqui o movimento que acomete a sociedade ora massiva ora tribal, conforme apontado por Maffesoli (1998). A sociedade tribal usa dos meios massivos, comportando-se como sociedade de massa, assim como os meios massivos são retroalimentados pelas tribos. Elas convivem, e as pessoas que as compõem são as mesmas, porém em momentos distintos.

O coeficiente de pertença não é absoluto, cada um pode participar de uma infinidade de grupos, investindo em cada um deles uma parte importante de si. Esse borboleteamento é, certamente uma das características essenciais da organização social que se está esboçando. É ele que permite postular, de maneira paradoxal, ao mesmo tempo, a existência desses dois polos que são a massa e a tribo, e a sua reversibilidade cons

Originadas pelo compartilhamento de emoções coletivas, rapidamente potencializadas, como num processo viral, o sentimento de pertencimento ou a proximidade parecia estar configurado. Fazer parte daquele evento e acompanhar as discussões trazia a sensação de fazer parte de um grande momento no país. Na Esplanada dos Ministérios, mais precisamente em frente ao Congresso Nacional, os grupos se reuniram. Podemos caracterizar os grupos como tribos urbanas³ pelas seguintes razões, corroborando com Maffesoli (1998): apresentavam interesses em comum, em alguns casos, aparências em

comum, compartilhavam de memórias coletivas similares, visto que geralmente vinham de uma mesma territorialidade (cidades-satélite e plano piloto), de um mesmo contexto e de faixas etárias similares⁴, compartilhando os mesmos anseios.

Havia a tribo que reclamava por transporte, outra pela saúde pública, segurança e educação, tribos anti-homofobia, representantes de etnias indígenas, movimento anti-corrupção, entre outros. Havia uma sensação de respeito mútuo e de espaço para todos. Não havia líderes de fato, como demonstra Castells (2012). As tribos eram solidárias. Maffesoli havia observado que,

a constituição dos microgrupos, das tribos que pontuam a espacialidade se faz a partir do sentimento de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação. [...] Ainda que seja apenas uma metáfora, podemos resumir estas três noções falando de uma ‘multidão de aldeias’ que se entrecruzam, se opõem, se entreadjudam, ao mesmo tempo que permanecem elas mesmas. (Maffesoli, 1998: 194)

Isso ficou evidente no curto espaço de tempos das manifestações. As tribos se respeitavam e, geralmente, as palavras de ordem iniciadas por uma tribo eram rapidamente adotadas pelas demais, configurando uma palavra de ordem única entre os manifestantes. Essas palavras não duravam muito tempo. Logo, outra tribo iniciava outra palavra de ordem e, novamente, a onda se expandia ao redor do Congresso Nacional. Assim ocorreu sucessivamente.

Por mais que seja uma manifestação momentânea e frágil do ponto de vista sociológico, existe ali uma sedimentação que só poderia existir em tribos como aquelas, cuja memória coletiva se complementa entre uma tribo e outra. A socialidade ali presente, ou o papel que cada um desempenhava dentro de sua tribo era bastante evidente. Em um determinado momento, a “tribo” de etnias indígenas chegou, se posicionando em silêncio na parte central do amontoado de manifestantes, levando seus cartazes e apresentando vestimenta correspondente as suas respectivas etnias. Receberam uma salva de palmas generalizada, ficaram por cerca de 30 minutos e voltaram, quando receberam novamente uma salva de palmas.

Nesse momento, ficou evidente a função unificadora do silêncio, “[...] que os grandes místicos compreenderam como a forma por excelência da comunicação. O silêncio relativo ao político fala do ressurgimento da socialidade.” (Maffesoli, 1998: 129). Talvez o recado da tribo das etnias indígenas tenha sido o mais forte, do ponto de vista da observadora.

Não havia líderes e, portanto, havia outros momentos de silêncio. Estes, não intencionais, em que, por vezes, mais de uma tribo entoava sua palavra de ordem ao mesmo tempo. Neste sentido é importante atentar-se à “[...] multiplicação das tribos que não se situam na margem, mas são múltiplas inscrições pontuais de uma nebulosa que não tem mais um centro preciso.” (Maffesoli, 1998: 202)

Para Maffesoli (2013), as manifestações no Brasil são um exemplo das sublevações pós-modernas que vem se desenvolvendo pelo mundo. Ele afirma que os jovens não se reconhecem mais num programa, num partido ou sindic-

³: A exceção, o grupo de etnias indígenas presente na manifestação que é naturalmente não urbano.

⁴ A maior parte das tribos eram compostas de jovens definitivamente.

to. Portanto, não é mais programático, mas, sim, emocional. De fato, emoções distintas tomavam conta do ambiente. Grande parte das tribos via a mídia e o próprio poder público como inimigos. Percebe-se que o tema central foi exatamente o que Maffesoli (ano) apontou como “potência contra o poder”, um movimento social consequente do distanciamento das instituições em relação à base, perdendo legitimidade.

Nas manifestações de 2013 evidenciou-se a insatisfação generalizada, sobretudo em relação ao poder legislativo e executivo do país, em virtude de sua desconexão e descaso, percebidos pelas mais variadas tribos. A emoção coletiva, com base em uma memória coletiva, foi o estopim para que o movimento acontecesse em todo o Brasil. Por outro lado, as instituições racionais da modernidade não pareciam ter uma linguagem apropriada para lidar com as manifestações.

O Estado, por sua vez, se fazia presente pela força policial. Um pequeno grupo de manifestantes provocava a força policial, que se manteve imóvel até o momento em que um grupo começou a depredar o Ministério das Relações Exteriores. Daquele momento em diante, instalou-se o caos local e a violência começou junto a esse grupo.

Em praticamente todas as cidades que vivenciaram as manifestações, a violência se tornou quase inevitável. No calor do momento, existe de fato uma expectativa generalizada de que algo aconteça. Como se o fato de não haver violência representasse uma falta de efetividade do movimento, por mais que todos estivessem em um movimento pacífico.

Um exemplo de desdobramento no caso da violência são os *black blocs*, grupos mascarados que se dedicaram a conquistar o atendimento de suas demandas a partir da depredação, saques e destruição do patrimônio público, convencidos de que não havia outra maneira de promover mudanças junto aos representantes. Trata-se de uma tribo oriunda de outra, ou de outras. Eles escondem os rostos, e dentro da “lei do segredo” proposta por Maffesoli (ano), “[...] a máscara pode ser uma cabeleira extravagante ou colorida, uma tatuagem original [...]. Em qualquer caso ela subordina a persona a esta sociedade secreta que é o grupo afinitário escolhido.” (Maffesoli, 1998: 128).

Outra “tribo” presente nas manifestações foi a dos professores da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. Esta aceitou publicamente o apoio dos *black blocs*, que se ofereceram para fortalecer o seu movimento de greve. Como Maffesoli (ano) havia apontado, estes movimentos são dinâmicos, mutáveis e flutuam no espaço-tempo.

Percebemos que as ideias de Maffesoli se mostram muito atuais. Os grupos ou tribos surgem, se mantêm e se dissolvem, deixando marcas. Muito do que presenciamos no Brasil pós-manifestações são resquícios desta grande mobilização, que de fato não se explica, mas é possível sentir. Podemos dizer que foi um movimento emocional, movido por tribos, dotado de territorialidade física e simbólica e ancorado à memória coletiva.

Conclusões

Ainda que as manifestações no Brasil em 2013 tenham sido efêmeras no espaço tempo, foi possível evidenciar uma série de fenômenos que envolvem cultura, mídia e midiaticização. Podemos dizer que foram movimentos genuinamente híbridos, dividindo a existência entre o mundo virtual e o real. As implicações desse fenômeno recaem sobre novas possibilidades de organizações sociais, que passam a apresentar características de “viralização”, tal qual acontece na Internet, assim como a própria construção da cultura.

Num segundo desdobramento, o impacto sobre a cobertura jornalística e a imprensa, que por momentos também era objeto de manifestação, será ainda tema de muitos observadores e estudiosos. A imprensa, que também comunga a existência híbrida, se vê diante de novos desafios, tanto na abordagem quanto no seu próprio posicionamento diante da realidade cultural impactada pelo uso dos meios digitais.

Os fenômenos observados em Brasília seguramente se repetiram nas demais capitais, em graus distintos de digitalização e de apropriação do espaço público, mas o que se buscou destacar é a transversalidade da digitalização na formação cultural, e como ela se integra a momentos distintos do fenômeno, assim como passa a fazer parte dele também. Entende-se que os fenômenos não começam nos meios, e sim na cultura, mas não se pode ignorar a interpenetração sistemática da digitalização na própria formação cultural contemporânea em uma país cujos índices de digitalização aumentam a cada ano, ainda que haja um grande número de excluídos digitais.

Poderíamos suspeitar que estamos caminhando para um novo panorama indicativo de desigualdade no Brasil, distribuindo a população entre aquela parcela que vivencia uma cultura impactada pelos meios digitais, enquanto outra vivencia uma cultura impactada pelos meios analógicos.

Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. *Networks of outrage and hope: social movements in the Internet*. Malden, MA United States of America: Polity Press, 2012. *e-book*

MAFFESOLI, Michel. *Michel Maffesoli: 'Vejo esses movimentos como Maios de 68 pós-modernos'*. Rio de Janeiro: O Globo, 22 de junho de 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/michel-maffesolivejo-esses-movimentos-como-maios-de-68-pos-modernos-8786658> Acesso em: 20 de dezembro de 2013.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.